

## ***DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS: O DESEJO COMO PRINCÍPIO DO AVESSE***

Suzana Raquel Bisognin Zanon<sup>1</sup>

A literatura brasileira tem sido brindada com a obra do escritor baiano, Jorge Amado (1912-2001), considerada, por muitos estudiosos e leitores, como excêntrica e transcendental. Muito embora saibamos que o romance amadiano tem trilhado um longo caminho tanto na crítica quando nas análises proferidas às suas narrativas, várias direções e perspectivas se tornam possíveis na leitura de seus tantos romances, ancorados pela temática que vai desde o contexto primitivo da Bahia e da dificuldade sofrida pelo povo, que dela faz parte, até o sonho e a esperança da conquista da liberdade e dignidade que se expressa através da alegria, da festa e dança, elementos que são capazes de caracterizar um dos aspectos da cultura e folclore da Bahia. Á luz destas considerações, a literatura desfruta de um novo olhar sobre a representação e interpretação da sociedade brasileira através de uma escrita que privilegia o diferente, seja este diferencial na linguagem, no enredo ou da realidade reconstruída através da ficção.

Construindo uma arte inovadora e, conseqüentemente, acolhida por novos olhares, o renomado escritor fez com que sua escrita contribuísse para a disseminação da contestação diante do campo político e social brasileiro, em nuances de crítica e sátira. Torna-se notório o processo de criação artística do escritor baiano, fundamentada entre a condição humana – o homem que vive, ri e chora – e o desejo de uma receptividade literária nada majestosa, privilegiada somente pelo indivíduo culto e letrado, mas, sim, uma obra que adquirisse sua singularidade por ser digna de acolhimento por indivíduos das mais distintas classes sociais. Em entrevista publicada no *Jornal da Bahia*, em 1966, Jorge Amado comprova com suas palavras o que, até então, temos dito: “Escrevo porque bem ou mal é tudo quanto sei fazer e desejo comunicar-me e ser de alguma forma útil a meu povo e a meu País. Não escrevo para prêmios, para cargos, postos, títulos” (VEIGA, 2006, p. 22).

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Campus de Frederico Westphalen – RS.

Publicado em 1966, o romance *Dona Flor e seus dois maridos*, nos permite uma leitura encantadora, porém, mais do que isso, uma ótica que nos faz vislumbrar um texto diferencial tanto por seu enredo, quanto linguagem e sua estrutura que nela se presentifica. Encontramos em nosso estudo, um substrato que é capaz de elevar este texto ao alcance do vértice carnavalizado. Para tanto, nas entrelinhas do discurso do romance em questão, nos é possível irmanar a subjetividade, como âncora no universo carnavalizado juntamente à teoria que elucida a transposição do ritual carnavalesco ao texto literário, ou seja, a teoria da *carnavalização literária*, do teórico russo Mikhail Bakhtin.

No rol deste contexto, Bakhtin investiga as manifestações populares durante o ritual carnavalesco no período medieval. Ao dimensionar o seu olhar para a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o estudo bakhtiniano versa sobre as expressões que o carnaval era capaz de conduzir. Aboliam-se das diferenças humanas, o linguajar grosseiro e inculto do homem era o que perpetuava na praça pública, onde os homens alienados pela alegria a expressavam sem pejo, distanciando-se da vida privada ao eleger o mundo da rua como um universo em que poderiam extravasar de sua alegria, através do riso, das formas cômicas e grotescas que ali se encontravam. Ademais, o ritual carnavalesco era tido por Bakhtin como um período de libertação e da renovação interna para uma nova vida.

Tendo em vista que a vida carnavalesca é sincrética e, ao mesmo tempo, ambivalente, Bakhtin propõe que no carnaval “[...] Vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma vida às avessas, um mundo invertido” (BAKHTIN, 2005, p. 122-123).

Extraindo das manifestações da paródia em praça pública, pelas quais os homens zombavam e imitavam as ações serias dos seres humanos, o teórico russo possibilitou irmanar essas formas de expressão ao que encontrou nos romances de Rabelais (nas formas e imagens grotescas e de um mundo inverso) e Dostoievski, pelo encontro da pluritonalidade de vozes e a forma dialógica encontradas em seus romances.

Sob a linha de pensamento de Bakhtin, temos que

O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massa e gestos carnavalescos. [...] Tal linguagem não pode ser traduzida com o menor grau de plenitude e adequação para a linguagem verbal, especialmente

para a linguagem dos conceitos abstratos, no entanto, é suscetível de certa transposição para a linguagem cognata, por caráter concretamente sensorial, das imagens artísticas, ou seja, para a linguagem da literatura que chamamos *carnavalização na literatura* (BAKHTIN, 2005, p. 122).

Assim, Bakhtin transpôs à literatura as formas carnavalescas de mundo, formas concentradas no exagero, na diversidade e no deslimite das ações humanas, fazendo com que a dimensão do mundo carnavalesco fosse irmanada à criação da arte literária. A literatura então, passou a agregar feições, através da teoria da *carnavalização na literatura*, fruto dos estudos de Bakhtin, do mundo da diversidade cultural e humana existentes no ritual carnavalesco.

Renomado não apenas por seu vasto arsenal de estudos, mas também pela substancialidade de sua minuciosa investigação no rol do trajeto da sociedade brasileira no tempo e no espaço, o antropólogo e sociólogo Roberto Da Matta não deixa lacuna alguma no elenco de seu itinerário analítico a respeito do que direcionamos nosso olhar até então: a sociedade brasileira nos liames hierárquicos.

Roberto Da Matta acredita ser a compreensão da sociedade brasileira os primórdios da edificação de sua teoria, pois não lhe basta apenas entendê-la, mas, sim, decifrá-la em sua essência para chegar à abrangência do dilema do Brasil. Consta nesta abordagem a dualidade de um sistema em terreno divisório entre o que se pode chamar de individual e universal, ou seja, o contraponto entre o individualismo humano e sua ideologia relacional, como conjunto e comunidade. Esta dualidade, à qual nos referimos, pode ser assim expressa nas palavras de Da Matta, quando voltado à comparação entre sistemas em diferentes civilizações:

De um lado, existe o conjunto de relações pessoais estruturais, sem as quais ninguém pode existir como ser humano completo; de outro, há um sistema legal, moderno, individualista [...] modelado e inspirado na ideologia liberal e burguesa. É esse sistema de leis, feito por quem tem relações poderosas, que submete as massas (MATTA, 1997, p. 24).

É esta moralidade, previamente citada, que é renunciada e tida como objeto de repulsa durante o ritual festivo carnavalesco. Desta forma, há a recusa contra a hierarquia, a ordem e as leis impostas pela sociedade e pelo Estado através da bagunça.

Conhecido e reconhecido como “festa popular”, o centro deste ritual é marcado pelas massas das camadas populares, que nesta instância celebram uma outra vida através da congregação harmoniosa da folia. Entretanto, existe um rol organizatório que é capaz de caracterizar a inversão: “No carnaval, então, temos uma inversão organizatória, pois são grupos ordenados para ‘brincar’” (MATTA, 1997, p. 123).

Para tanto, o que nos ocorre é que há a disjunção do que se pode chamar de ordem. As autoridades, as classes hierárquicas coordenam as leis e, respectivamente, o povo deve cumpri-las a favor da ordem. O povo, ao contrário, no ciclo carnavalesco, coordena a festa, ordena o bloco em prol da diversão e da orgia.

O “outro mundo”, “outra vida”, que se vive durante o carnaval, inclina-se às polaridades antagônicas através de um universo cósmico e místico que a esses fundamentos são capazes de dar vida. Referindo-se ao carnaval, Da Matta expõe seu ponto de vista a respeito:

Aqui o foco é o que está nas margens, nos limites e nos interstícios da sociedade. O carnaval é, pois, uma “festa popular”, um festival do povo, marcado por uma orientação universalista, cósmica e que dá ênfase sobretudo a categorias mais abrangentes, como a vida em oposição à morte, a alegria em oposição à tristeza, os ricos em oposição aos pobres, etc (MATTA, 1997, p. 68).

A partir destas dissonâncias que se encontram em um círculo de mediação no ritual da folia, podemos acentuar a ideia de que o carnaval, abrindo portas às várias categorias humanas, como afirmado anteriormente por Da Matta, adquire um sentido polifônico, de várias vozes que se encontram em um ambiente relacional.

Trazido para o “território” psicanalítico, o desejo humano mostra estar em comunhão com a particularidade humana. Falar em desejo implica um grande leque de considerações. Primeiramente, porque desejo pode, à primeira vista, denotar uma necessidade, uma carência de alguma coisa que se torna, em certos momentos, indispensáveis. Com isso, salientamos que a necessidade, oriunda de uma apreensão interior, pode ser satisfeita, mesmo que, momentaneamente. Segundo Esposito, “a necessidade é situada num hemisfério no qual saciá-la seria possível tanto quanto a calma oriunda de uma satisfação momentânea e seria, neste caso, fruto de uma tensão

interna.” (ESPOSITO, 1985, p. 17). O desejo, em contrapartida, se constitui em uma ausência difícil de ser alcançada e, mesmo suprida, não teria fim.

Discípulo de Sigmund Freud (1856-1939), Jacques Lacan (1901-1981), nos sugere ser o desejo como oriundo não das forças naturais que regem o ser humano. Desejar não é uma causa que surge da consciência, mas de algo estranho, o grande Outro, o qual não identifico, que se encontra no hemisfério inconsciente. Assim sendo, o campo do Outro (grande outro) repousa em solo simbólico, possuindo uma independência própria dimensão inconsciente. Considerando isso, o Outro representa o campo da cultura, da linguagem, do mito e da arte, sendo o nosso discurso manifesto por esse Outro, esse que se esconde no meu inconsciente. Diante disso, direcionemos nosso olhar às palavras do estudioso francês: “Para Lacan, porque Lacan é analista, o Outro existe como inconsciência constituída na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante” (LACAN, 2005, p. 32-33).

Esta falta, então, se manifesta como instância simbólica, através da angústia de que Lacan nos fala. Aparecendo antes do desejo, como explanado no seminário em questão, a angústia encobre o desejo, o qual se situa em superfície indecifrável. Neste contexto, podemos mencionar que “o desejo se oculta, e sabemos a dificuldade que temos para desmascará-lo, se é que um dia o desmascaramos.” (LACAN, 2005, p. 315).

Dizemos, pois, que desejamos, ambicionamos sempre algo. Não existiríamos, como humanos, sem desejar, sem querer, ou seja, este desejo é o húmus que impulsiona a vida.

O desejo como princípio do mundo às avessas pode ser, aqui, salientado na narrativa de Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*.

Vadinho morre em plena festança carnavalesca, no largo do Pelourinho. Atraindo a atenção e o susto dos amigos que com ele festejavam e pulavam carnaval, a morte do malandro acaba por desencadear a tristeza dos companheiros de noitadas e de jogo e, principalmente, de sua mulher, dona Flor. Passado um ano de luto da viúva, o farmacêutico Teodoro Madureira aparece na vida de dona Flor, encontro que resulta em um próspero casamento. Contudo, as recordações dos tempos bons e mesmo dos ruins, passados ao lado de Vadinho, não saem da memória da protagonista, tampouco de sua

existência, que necessita do amor ardente do primeiro marido, amor que era capaz de satisfazer seu desejos sexuais.

Centrando-se não apenas nos dois casamentos da protagonista, o romance passa a cristalizar um universo sobrenatural. Vadinho tem o seu retorno em forma de espírito, reexistência que somente Flor é capaz de desfrutar. Este fator, conseqüentemente, faz com que a recatada professora de culinária não controle o seu desejo e ceda à tentação por Vadinho, até então um espírito sedutor e tentador, ferindo, desta maneira, sua honestidade matrimonial.

Desta forma, Flor passa a conviver com os dois maridos, de personalidades completamente opostas, mas que a complementam enquanto mulher e esposa de respeito. A honra, honestidade e a dignidade de Flor colidem com o desejo que domina seu corpo e a ausência de pudor, que se revelam quando está com Vadinho, seu primeiro marido.

O romance apresenta um cenário cômico e divertido, não somente pelos dois maridos que fazem parte da vida de Flor, mesmo que espiritualmente, como no caso de Vadinho depois da morte, mas de um transbordamento do texto sobre uma diversidade humana que vai desde o mais pícaro ao mais sério. Salientamos que esse universo nos revela as matizes da forma avessa da vida e do universo brasileiro escondido sob uma fábula engraçada à nossa vista, mas que, se olharmos profundamente sobre ela, descobriremos que não foi uma obra que nos veio de graça; ao contrário, abre portas a várias dimensões ideológicas e políticas, envoltas por este universo inverso e avesso.

Sentenciando a efervescência de ideias em torno do texto literário em destaque, o avesso já excede a sua projeção através do morto que renasce, aliás, renasce somente na vida de Flor. O clamor da protagonista é de tamanha intensidade, que Vadinho passa a viver novamente, em forma de espírito, na insistência de ter dona Flor novamente como sua mulher, conduzindo-lhe ao leito.

O desejo, assim, se manifesta para dar o entorno do paralelismo entre a vida e a morte, sob a aparente anarquia na existência de dona Flor. É uma vida avessa à normalidade cotidiana.

Entremeio aos dois homens, Teodoro e Vadinho, dona Flor sustenta - mesmo que com o desejo à flor da pele em relação ao malandro - a honra e honestidade

comedida que caracterizam sua postura de mulher correta e principalmente pela fidelidade conjugal ao segundo marido.

Vadinho passa a retornar, enveredando o romance ao plano sobrenatural. Segundo as palavras do até então espírito:

– Meu bem... – aquela voz querida, de preguiça e lenta.  
– Por que veio logo hoje? – perguntou dona Flor.  
– Porque você me chamou. E hoje me chamou tanto e tanto que eu vim... – como se quisesse ter sido o seu apelo tão insistente e intenso a ponto de fundir os limites do possível e do impossível. – Pois aqui estou, meu bem, cheguei indagorinha... – e, semilevantando-se, lhe tomou da mão (AMADO, 2008, 360).

Ao cultivar o mote carnavalizado no texto, através desse fenômeno sobrenatural e, de tal forma, fantasioso e mágico, temos como enfoque às feições do gênero da *menipeia* por meio dessa manifestação fora da lei natural das coisas.

A fusão de vida e morte se intensifica, desde então, o que se harmoniza com o estilo literário de Amado em “cantar as magias da Bahia” sob esta natureza transcendental presente nos rituais religiosos da umbanda e do candomblé. Essa morte “renascida” pode ser explicada através dessa ótica mística, que prima nas crenças e convicções do povo baiano.

Sob o ponto de vista em torno desses rituais religiosos, destacamos que há, entremeio a tudo isso, uma morte que consente outra vida ao morto, fator que conduz à assimetria análoga à cosmovisão do ritual carnavalesco. Em palavras gerais, podemos enaltecer que no culto fúnebre do candomblé há esta cosmovisão, de uma morte que transcende para outro plano, ou seja, a morte não significa um fim, mas um ciclo novo que se inicia através do espírito do morto que passa a se restabelecer noutra cosmos. Em síntese, ainda que o corpo do morto se desintegre e se esvaia, a vida em si não acaba, mas se metamorfoseia em um espírito que se eleva, reintegrando-se num universo paralelo.

A obscuridade oriunda de um enredo que conduz ao plano sobrenatural se revela, com maior intensidade, depois do retorno do morto à vida de dona Flor. Eis, então, uma dimensão avessa na qual a sociedade baiana se condensa. Santos, oriundos de divindades africanas, bruxarias e a rebelião dos orixás, principalmente Exu, o espírito

maligno, dissipam seu dogmatismo na cidade de Salvador, o que realça a sobrenaturalidade manifestada no texto:

Viram deflagar-se a guerra dos santos, nas encruzilhadas dos caminhos, nas noites das macumbas, nos terreiros e na vastidão dos céus, em ebós sem precedentes, despachos nunca vistos, feitiços carregados de morte, coisa feita e bruxaria em cada esquina (AMADO, 2008, 386).

O retorno do morto, oriundo do desejo de Flor, desencadeia essa trajetória imagética, mística e extraordinária, algo diferente acontecia na Bahia, algo que determinaria a sociedade como imersa num plano nebuloso que supera as forças da natureza e da normalidade cotidiana. Crenças populares das mais diversas entram em combate, a metáfora da movimentação dos orixás em fúria concerne com a ideia de que categorias dessemelhantes entravam em conflito. Segundo o recorte do romance: “Tudo no vice-versa, tudo pelo avesso, era o tempo do contrário, do ora-veja, o meio-dia da noite, o sol da madrugada” (AMADO, 2008, p. 386).

Sob o solo dessa inverossimilhança, extraímos o sumo dessa passagem fantástica e que direciona ao universo avesso, um mundo de cabeça para baixo: o que deseja Exu é transformar dona Flor em uma mulher que converta a ideologia de integridade numa liberdade que possa quebrar com esse limite externo ao deslimite do seu afeto, ou seja, o desejo. Neste aspecto, a recatada cozinheira questiona a si mesma sobre a duplicidade que nela reside, do querer e no comedimento em não poder querer dois amores em uma única vida: “Por que cada criatura se divide em duas, por que é necessário sempre se dilacerar entre dois amores, por que o coração contém de uma só vez dois sentimentos, controversos e opostos?” (AMADO, 2008, p. 424).

Isso posto, parece-nos que Exu é que provoca, com mais veemência, desequilíbrio de Flor, levando-a a ceder a seus caprichos e desejos, elementos reprimidos por tanto tempo, enquanto casada com Teodoro, e que impediam a sua completude como mulher. E, assim, o avesso se prolonga e se transforma em uma anarquia que harmoniza a vida de Flor, cedendo a seu desejo e ao querer impudico de Vadinho. Vejamos:



Nunca se dera assim; tão solta, tão ferosa, tão de gula acesa, tão em delírio. Ah! Vadinho, se sentias fome e sede, que dizer de mim, mantida em regime magro e insosso, sem sal e sem açúcar, casta esposa de marido respeitador e sóbrio? Que me importam meu conceito na rua e na cidade, meu nome digno? Minha honra de mulher casada, que me importa? Toma de tudo isso em tua boca ardida, de cebola crua, queima em teu fogo minha decência inata, rasga com tuas esporas meu pudor antigo, sou tua cadela, tua égua, tua puta (AMADO, 2008, p. 434).

O arranjo da cena se dá sob um sustentáculo erótico e obsceno em virtude da vontade desmedida de Flor e da substantivação de natureza selvagem e, de certa forma, vulgar, o que corrobora uma extremidade que se exaure pelo desejo incontável da protagonista. Isso tudo envereda ao rumo tergiverso que envolve o epílogo do romance, ao passo que Jorge Amado deixa vestígios do ser humano que nasce para ser livre e desfrutar dessa liberdade, longe das amarras dos preconceitos sociais de como se deve ou não comportar-se dentro de um sistema. E as palavras de Flor comprovam essa aceção de liberdade, pois para ela de que lhe se serviria um nome digno e o conceito na rua, ou seja, no espaço social? Valeriam, do ponto de vista sociológico, apenas de uma regra a ser seguida por uma sociedade que a impõe.

O desejo passa a distanciar-se de seu silêncio, de sua repressão e granjear sua liberdade na vida com os dois amores, tão opostos, mas tão essenciais para a vida de Flor. A personagem teve um querer de tamanha intensidade que corrompeu com a regra e a normalidade das coisas, virou a vida pelo avesso, da mesma forma como sua cidade, Salvador, vivenciou o assombroso mundo sobrenatural e fantástico no romance. Não estaria Flor disposta a enganar-se mais ainda, no fingimento em que só poderia conceber a idealização de mulher correta, mas não conseguiu conter um desejo que percorreu um longo caminho, contido e silenciado, no entanto pôde exceder a esse silêncio, em estrondos devassos do amor:

Assim, se somos ambos teus maridos e com direitos iguais, quem engana a quem? Só tu, Flor, enganas os dois, porque a ti tu não te enganas mais.

– Engano os dois? A mim, não me engano mais?

Gosto tanto de ti – Oh! [...] Mas não queiras que eu seja ao mesmo tempo Vadinho e Teodoro, pois não posso. Só posso ser Vadinho e só tenho amor pra te dar, o resto todo de que necessitas quem te dá é ele; a casa própria, a fidelidade conjugal, o respeito, a

ordem, a consideração e a segurança. Quem te dá é ele, pois o seu amor é feito dessas coisas nobres (e cacetes) e delas todas necessitas para ser feliz. Também de meu amor precisas para ser feliz, desse amor de impurezas, errado e torto, devasso e ardente, que te faz sofrer. Amor tão grande que resiste a minha vida desastrada, tão grande que depois de não ser voltei a ser e aqui estou. Somos teus dois maridos, tuas faces, teu sim, teu não. Para ser feliz, precisas de nós dois. Quando era eu só, tinhas meu amor e te faltava tudo, como sofrias! Quando foi só ele, tinhas de um tudo, nada te faltava, sofrias ainda mais. Agora, sim, é dona Flor inteira como deves ser (AMADO, 2008, p. 448).

Dona Flor, “agora, inteira”, como explanado no texto, nos faz lembrar da projeção dupla enveredada a ela. Neste sentido, podemos dizer que dona Flor necessita de duas caras-metades, para ser essa mulher completa. Além de alcançar a saliência ambígua na dimensão subjetiva, o sentimento de amor também alcança essa generalização dupla. De melhor forma, cristalizamos esta ideia através das palavras de Vieira, quando nos diz que: “O amor tanto é filho da ambiguidade quanto de sua metaforizarão, simbolização encarnada na possibilidade de inversão assimétrica do par amoroso, de se reconhecer no outro mesmo sabendo diferente” (VIEIRA, 2001, p. 185). Para tanto, dona Flor reconhece-se nos dois maridos: Teodoro, pelo desejo de enquadrar-se ao sistema correto, ordeiro e digno da sociedade e Vadinho, reconhecendo-se em sua alma, sua subjetividade, concentrada no desejo e na busca do prazer do corpo

A completude de dona Flor, enfim, adquire seu lugar, com o cândido amor matrimonial e o amor que a satisfaz através do prazer do corpo. A harmonia na protagonista agora se concretiza, numa feição avessa, na existência com os dois maridos. Assim sendo, o caminho do romance transcorre em uma natureza carnalizada, de um contexto sério parodiado através do destino avesso que os acontecimentos passaram a tomar. A prostituta, agora, poderia ter família, ser reconhecida enquanto membro de respeito da sociedade, o povo lutou e venceu os exércitos da lei da ditadura e a moral se esvaiu em nada:

Viu-se então uma aurora de cometas nascer sobre os prostíbulos e cada mulher dama ganhou marido e filhos. A lua caiu em Itaparica sobre os mangues, os namorados a recolheram e em seu espelho, refletiram-se o beijo e o desmaio.

De um lado a lei, os exércitos do preconceito e do atraso, sob o comando de dona Dinorá e de Pelanchi Moulas. De outro lado, o amor e a poesia, o desassombro de Cardoso e Sa, rindo por entre os seios de Zulmira, tenente-coronel do sonho.

Uma fogueira se acendeu na terra e o povo queimou o tempo da mentira (AMADO, 2008, p. 457-458).

“Queimando o tempo da mentira”, como aludido no romance, a terra passa a ser diferente e desfrutar de uma realidade igualitária, distante das farsas encobertas pela máscara da luxúria e hipocrisia. Na carnavalização, o fogo permite uma concepção ambígua, pois, ao mesmo tempo em que destrói, tudo pode renovar e corporificar. Próximo ao final do romance, esse fenômeno reitera o cerne carnavalizado do texto ao elevar a renovação do ser humano como agente transformador de uma sociedade que se regenera e passa a ser mais humana.

O epílogo do texto endossa o mote carnavalizado enviesado ao romance. Dona Flor passa a desfrutar do amor dos dois maridos. Passeando em Salvador então, abraçada ao espírito e à “matéria”, Flor renasce para uma nova existência, agora, de fato, feliz, enquanto esposa e mulher. No rol deste contexto, a cena nos sugere apenas uma alternativa: Acreditarmos serem os três personagens não vistos integralmente, apenas o sistemático e dedicado, Teodoro e a prendada e honesta, Dona Flor. Portanto, Vadinho, o travesso, indecente e matreiro é incapaz de ser visto aos olhos da sociedade que passeia junto ao harmonioso casal.

Isso nos traduz a existência de uma falsa moralidade que se esconde atrás dos véus da honra e decência; uma sociedade que consegue enxergar e aceitar somente posicionamentos que sublinham a honra e o brio humano e, bem como as situações que os envolvem.

Temos aqui dois sistemas nivelados no mesmo contexto: uma hierarquia que é obedecida e acolhida, sem recusa, sob matizes hipócritas, fato caracterizado por Flor e Teodoro. Por outro lado, vemos uma anarquia impossibilitada de ser vista, encoberta aos olhos dos homens que não a querem ver, tampouco aceitá-la no seio social; anarquia que existe desde as vésperas da colonização de nossa nação e que se prolonga escondida e ignorada sob a sombra de uma sociedade capaz de aceitar somente o que é regrado e que está dentro dos limites.

Ao desencadear outra vida, a morte constituiu o embrião de um mundo novo e diferente, ou, melhor dizendo, às avessas, como afirmado por Bakhtin. Esta morte aliada ao desejo de dona Flor direcionou nossa leitura para um plano diferenciado, que, não somente pode desfrutar do riso agradável e, ao mesmo tempo intenso, em virtude das situacionalidades burlescas da fábula, mas a uma leitura que deu vigor ao olhar crítico ao substrato existente na história: o desejo de liberdade, metaforizado por dona Flor, que deu vida a um à existência em transformação no tempo e no espaço, embora estivesse entremeio a um tempo alienado no arranjo social.

Flor designou o mundo ambivalente das formas carnavalescas através de suas metades (Vadinho e Teodoro) que puderam ser transpostas ao cerne carnavalizado do romance, de existências incumbidas numa só, à nossa vista, desvelando um mistério a ser descoberto numa narrativa cômica: Dona Flor entremeio ordem e desordem; duas verdades, duas realidades.

## RESUMO

Este artigo pretende analisar o romance *Dona Flor e seus dois maridos*, escrito por Jorge Amado e publicado em 1966, sob a ótica da teoria da *Carnavalização na literatura*, fruto dos estudos de Mikhail Bakhtin e os pressupostos teóricos de Roberto Da Matta, os quais dão enfoque à compreensão da sociedade brasileira. No rol desta contextualização, nossa proposta objetiva mostrar ser o desejo de dona Flor o princípio do “mundo às avessas”, o que permite à narrativa ser transposta ao universo paralelo e carnavalizado. Através disso, analisar-se-á como se dá a representação do universo cômico e fantástico, essencialmente pela bigamia conjugal que se dá numa dimensão sobrenatural, ou seja, dona Flor entremeio o amor a dois homens: Vadinho, o primeiro marido (morto) e Teodoro, seu segundo esposo, o que envereda o romance à dimensão inversa e avessa de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Carnavalização. Desejo. Mundo às avessas.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the novel *Dona Flor e seus dois maridos*, written by Jorge Amado and published in 1966, through the perspective of literature's carnivalization theory, resulted from Mikhail Bakhtin studies and theory of Roberto Da Matta, who gives approach to the understanding of Brazilian society. Keeping in mind that our study aims to investigate how it happens the reverse dimension of world, in the work in question, we will bring "in communion" with Bakhtin and Da Matta the Affections theory by studios from this area for the phenomenon of desire understanding, which unleashes the carnivalized universe in the text. Through this, it will be analyzed how it

happens the comic and fantastic universe representation, mainly by marriage bigamy that happens in a supernatural dimension, that is, Dona Flor amid the love from two men: Vadinho, the first husband (dead) and Teodoro, her second husband, which carries the novel to the reverse dimension of world.

KEYWORDS: Carnivalization. Desire. World on reverse.

#### REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ESPOSITO, Silvia Leonor Alonso. **Desejo e recalque**. In: O desejo da psicanálise. Manoel T. Berlink (org.). Campinas: Papyrus, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MATTA, Roberto Da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A casa & a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VEIGA, Benedito. **Dona Flor da cidade da Bahia: ensaios sobre a memória da vida cultural baiana**. Rio de Janeiro: 7 letras; Salvador, BA: Casa de palavras/ FCJA-FAPESB, 2006.

VIEIRA, Marcus André. **A Ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.